Enquadramentos jornalísticos sobre professores: uma análise das notícias do jornal *Tribuna de Minas* [1]

Monique Ferreira Campos [2]
Paulo Roberto Figueira Leal [3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO
O presente artigo busca fazer uma reflexão, a partir das teorias construcionistas do jornalismo e com base no conceito de enquadramento, sobre como os professores e o seu cotidiano foram representados no mês de abril de 2013 no jornal impresso *Tribuna de Minas*, da cidade de Juiz de Fora. O objetivo é analisar o conteúdo das notícias por meio das ênfases textuais e fontes citadas nas matérias. Tem-se como pano de fundo um diálogo com trabalhos que discutem a representação da docência na mídia, de modo geral.

PALAVRAS-CHAVE: professores; enquadramentos jornalísticos; representação

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, nossa vida em sociedade não pode ser pensada sem considerar a esfera midiática. Os textos, imagens e sons que recebemos diariamente constituem, cada vez mais, variáveis importantes em numerosos âmbitos da vida social – inclusive a (re)construção das identidades. As representações efetivadas pelo jornalismo, por exemplo, devem ser consideradas como fontes (não exclusivas, ressalte-se) que contribuem com molduras interpretativas potencialmente utilizadas por indivíduos e grupos sociais. Essas representações materializam-se por meio de enquadramentos – procedimentos de seleção e ênfase, que dão saliência a certos aspectos da realidade, enquanto silenciam sobre outros.

No papel intermediário entre o acontecimento e o indivíduo receptor das mensagens, existe um viés através do qual a notícia direciona um entendimento, conduz a uma valoração. Assim, neste trabalho, será analisado o enquadramento jornalístico adotado para a construção das notícias sobre educação, especificamente as que esboçam sentidos sobre os professores. Nosso objeto empírico são as notícias veiculadas no jornal impresso *Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora, durante o mês de abril de 2013. Buscamos apontar quais

[1] Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF, na linha de pesquisa Comunicação e Identidades. Jornalista e especialista em Comunicação Empresarial pela UFJF, email: moniquecampos@hotmail.com.
[3] Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social e do PPGCOM da UFJF. Mestre e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), email: pabeto.figueira@uol.com.br.

enquadramentos são majoritariamente mobilizados para tratar dos docentes, tanto em matérias específicas sobre os profissionais quanto em outras cuja discussão envolva temáticas educacionais (escola, políticas públicas, condições de trabalho, etc.).

Este artigo é uma pequena amostra da pesquisa que está sendo desenvolvida pelos autores no programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFJF sobre a representação identitária dos docentes no jornal *Tribuna de Minas* e nos impressos do Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação de Minas Gerais (SindUTE).

2. O JORNALISMO ENQUANTO CONSTRUTOR DA REALIDADE

Conforme Miguel Rodrigo Alsina (2009), a mídia tem papel na configuração de uma realidade simbólica, pública e cotidiana e a maneira de ser dos noticiários contribui para ditar percepções de mundo e atribuir sentidos sobre essa realidade. Diante disso, cada sujeito ou grupo fará uso social das mensagens, resignificando-as no campo da cultura.

> Portanto, podemos dizer que os jornalistas têm um papel socialmente legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante. Essas competências são realizadas no interior de aparatos de produção específicos: a mídia (ALSINA, 2009, p. 47).

A partir dessa abordagem, o jornalismo pode ser entendido dentro do que Berger e Luckmann (2007) consideram como prática institucionalizada – reconhecida e compartilhada – de geração de sentidos sobre a sociedade e seus percursos, além de sentidos que indivíduos e grupos constroem sobre si mesmos. Os autores apresentam o conceito geral de que a realidade é construída socialmente, embora para nós, sujeitos desta realidade, ela nos pareça dada e como não sendo uma atividade humana, mas sim algo exterior e naturalizado. O conhecimento produzido dentro da sociedade, e que conduz a vida diária através da linguagem, se estabelece enquanto “real” e “verdadeiro”, ao mesmo tempo em que configura identidades e estabelece papéis sociais (desempenhos típicos que conduzem as interações).

O jornalismo tem parte importante nessa criação da realidade, sobretudo enquanto instituição participante do processo de socialização dos indivíduos. A transmissão do conhecimento por meio do conteúdo noticioso, enquanto verdade objetiva, vai sendo interiorizada como realidade subjetiva. Neste curso, o jornalismo estabelece o seu próprio

papel abstrato de posicionar os acontecimentos dentro de uma realidade, atribuindo conceitos e valores por meio da linguagem. A atividade está no campo da interação social entre os sujeitos e a realidade, logo, na produção e reprodução de uma cultura. Por esse motivo, é palco das representações individuais e coletivas, que mantêm os padrões de conduta e aparência socialmente atribuídas, o que podemos constatar ao recorrermos à análise proposta por Goffman (1985).

O cenário contemporâneo da sociedade caracteriza-se pela cultura da mídia (KELLNER, 2001), fenômeno em que os veículos de comunicação assumem, cada vez mais, a emissão de discursos aos quais nos submetemos (com distintos níveis de adesão, a depender de distintas configurações culturais) para a configuração da nossa percepção da realidade. O jornalismo atua em uma nova concepção de esfera pública – a midiática. A mídia teve o seu caráter mediador reforçado (enquanto organizador dos fatos do mundo, conduzindo interpretações). Neste campo comunicacional contemporâneo, o jornalismo renova e amplia sua promessa de contar o que é relevante. Trata-se de uma pré-condição histórica da atividade, de chegar aos espaços em que o público destinatário das notícias não vive, mas que, mesmo assim, passam a importar e fazer parte das rotinas desse público.

> Era preciso que o mundo se tornasse único, interligado e dinâmico, para que surgisse a necessidade de que as pessoas se relacionassem com esse mundo, de alguma forma semelhante à maneira como elas se relacionam pessoalmente com seus acontecimentos do dia-a-dia (GENRO FILHO, 2007, p. 93).

Entretanto, o acontecimento nunca pode ser acessado em sua completude de significados por uma informação veiculada na imprensa, enquanto uma experiência social possibilitada pela notícia. Este acontecimento é transmitido como uma concepção de ser, contendo significados específicos. Retomando a ideia da construção social da realidade, o jornalismo, constituindo atividade legitimada para isso, define os enquadramentos a partir dos quais os acontecimentos são apresentados: processo que se dá por atribuições, conceituações, homogeneizações, busca de consensos. “A mídia vai enquadrar os acontecimentos e assim ela expressará a valorização do fato” (ALSINA, 2009, p. 135).

O enquadramento é um conceito descrito por Erving Goffman, ao considerar que as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que governam os eventos e nosso envolvimento subjetivo neles (SANGLARD, 2012). Segundo Goffman, enquadrar se refere a como somos capazes de identificar. Outro autor que

conceituou os enquadramentos de mídia foi Todd Gitlin, apontando para os padrões através dos quais os detentores de símbolos organizam de forma rotineira o discurso, seja verbal ou visual. São os aspectos de cognição, interpretação e apresentação, além da seleção, ênfase e exclusão (Ibidem).

Já Robert Entman relacionou o conceito de enquadramento à prática do jornalismo, enquanto seleção de algumas facetas da realidade para serem transformadas em aspectos de destaque na informação jornalística. O uso de enquadramentos implica definir um quadro interpretativo como dominante, sem possibilitar outras interpretações para os fatos. A necessidade de fazer escolhas temáticas, editoriais e de abordagem marca uma prática quase inevitável no jornalismo, conforme Gitlin. Para Nelson Traquina, os conceitos de enquadramento desconstroem o papel dado ao jornalismo de espelho da realidade, uma vez que os profissionais da notícia trabalham apenas alguns aspectos dos acontecimentos, silenciando outros (Idem, p. 25).

Os enquadramentos atendem às padronizações clássicas legitimadas no campo do jornalismo, que embasaram todo um discurso sobre a objetividade. Este modelo é um quadro para a organização noticiosa a partir de informações julgadas como "de maior importância" ou ainda "as respostas essenciais". Segundo Genro Filho, o conhecimento contido na notícia é acessado a partir de uma singularidade (características específicas de um fato) e caminha em direção a uma particularidade (características que identificam o fato com um grupo determinado, uma localização num determinado terreno particular). "É daí que decorre a grandeza e a força do jornalismo, o fato de ele reproduzir coisas distantes, pelo ângulo do fenômeno, ou seja, pelo ângulo da sua singularidade" (2007, p. 94).

Os enquadramentos, portanto, dizem respeito não só à hierarquização de informações dentro da notícia como também de fatos observados para serem enquadrados enquanto notícias. Ao se tornar hegemônico, o padrão de noticiário em torno da objetividade correspondeu à própria naturalização do jornalismo. Dessa forma, os aspectos do enquadramento foram escondidos, insinuando que se fazia algo comprometido com a honestidade na cobertura. O discurso sobre o jornalismo alimentou essa ideia de que era possível abordar, no texto, os diversos aspectos de um acontecimento, funcionando como um espelho da realidade.

Contrariando a perspectiva da objetividade, Perseu Abramo (2003) descreve os padrões de manipulação mais usados na grande imprensa. O autor avalia os enquadramentos enquanto componentes da realidade fragmentada que atende ao mercado

de notícias. Para muitos receptores das mensagens, trata-se de uma realidade distorcida, em que fatos são ocultados por não entrarem no enquadramento ditado pelo "valor-notícia". Além disso, a conexão arbitrária de fatos, as inversões e induções no noticiário levam o receptor a perceber o mundo pelos enquadramentos adotados, à maneira da mídia.

> Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se supõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela da realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento (ABRAMO, 2003, p. 24).

O argumento principal da obra de Abramo é de que os órgãos de comunicação se transformaram em órgãos político-partidários. Assim, a grande mídia se tornou um centro de poder, deixando de ser organizada por uma sociedade civil para ser organizada por uma sociedade política. É por meio deste mecanismo de poder que o jornalismo, enquanto instituição, se tornou uma instância das representações, sendo que estas são feitas a partir de pressupostos culturais, na manutenção da realidade, ou de interesses políticos.

Seguindo o raciocínio proposto por Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall sobre a identidade e a diferença (SILVA, 2009), podemos considerar que o jornalismo está na linha de frente quando o assunto é a concepção da nossa realidade, incluindo, portanto, a delimitação de quem somos nós e quem podemos ser: enfim, trata-se de discutir o impacto dessas narrativas no processo de construção de nossas identidades. A instituição adquiriu legitimidade para produzir sentido sobre um determinado acontecimento, assim como sobre os personagens que dele fazem parte.

A notícia traz, portanto, o fechamento de conceitos em torno das identidades e a marcação da diferença, possibilitados pelos posicionamentos sociais com os quais trabalha a todo tempo. Baseando-nos nas discussões apresentadas, com quais enquadramentos midiáticos as questões educacionais são trabalhadas na imprensa? Diante disso, como os professores são representados? A finalidade do próximo tópico é contribuir para uma reflexão sobre os papéis atribuídos à docência, com base nas teorias e pesquisas que se debruçaram sobre as coberturas efetivadas pela imprensa sobre a área da educação.

3. REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES NA IMPRENSA

É crescente o consumo de informações veiculadas pelos meios de comunicação, bem como a constatação de que isso traz impactos nos modos de produção de sentidos sociais e configuração de identidades na contemporaneidade. Não poderia ser de outra forma com o campo da educação, que passou a ocupar com maior insistência o espaço midiático em dois sentidos: no primeiro, uso das tecnologias em comunicação nas salas de aula enquanto metodologias de ensino; no segundo, ampliação da oferta de narrativas sobre o cotidiano educacional nos noticiários. Veículos impressos passarem a formular editorias ou até mesmo cadernos especiais sobre o assunto. Além das programações televisivas, canais específicos sobre conteúdos e práticas de educação ganharam espaço na sociedade midiatizada.

Voltando-nos especificamente ao jornalismo, os noticiários sobre educação atribuem significados e papéis sociais aos docentes, o que vem contribuindo, junto a outras variáveis, para determinada moldagem das apreensões que estes fazem sobre si mesmos, enquanto participantes do espaço público midiatizado. A variável midiática deve ser considerada como uma das fontes dessa socialização dos professores enquanto construtora de uma realidade educacional que determina modos de agir, pensar e de se posicionar socialmente.

Diante desse cenário, o jornalismo vai buscar o factual, imediato e a espetacularização nos acontecimentos da educação e em suas relações com os professores, na concepção de Ana Benavente (2004, apud FREITAS, 2013, p. 210). A mídia, em sua lógica própria, prefere as novidades e os incidentes, por isso não se interessa pelo que é discreto e modesto, mas portador de mudança, de onde os fatos educativos devem ser analisados. Assim, os veículos de comunicação contribuem para criar representações sociais por vezes distorcidas em relação à realidade concreta, enquanto deveriam mobilizar mais a opinião pública para as questões educativas.

Os temas educacionais polêmicos são refletidos nos embates veiculados nos noticiários, uma vez que a esfera midiática responde por muitos instrumentos de cidadania e tomada de decisão na atualidade. Normas curriculares, obrigatoriedade ou inovação na adoção de determinados materiais e metodologias em sala de aula, qualidade do ensino, financiamento e gestão da educação, exames de avaliação visando ao *ranking* das escolas, são alguns exemplos de temáticas que recorrentemente atendem ao enquadramento proposto pela mídia a fim de abordar a educação.

Para Carlos Manuel Neves Cardoso (2006 apud FREITAS, 2013, p. 214), a mídia faz com que a opinião pública construa uma representação distorcida do campo educacional, sendo que muitos enquadramentos devem ser revistos. No caso específico das avaliações escolares, a imprensa possibilita um cenário de constrangimentos e agita a opinião pública com os *rankings* das escolas, abrindo portas para comparações indevidas. Os resultados anunciados das pesquisas, a partir da imprensa, geram debate público sobre os papéis dos professores e reverberam em formas de representação do profissional que possam melhor atender às práticas pedagógicas geradoras dos "bons" resultados.

Gaudêncio Frigotto (2010) considera que o professor tem o poder de educar a política no Brasil e transformar em direitos reais o sistema nacional de educação, sendo que não são os índices de aprovação que devem ser levados em consideração. Na sua avaliação, este papel central na sociedade, o protagonismo da classe, é contrário a tudo o que os noticiários apresentam. A concepção mercadológica da educação, que ganhou força na grande imprensa, interfere nas representações dos professores.

> Um dos principais desafios é mudar o pensamento construído nesse percurso histórico, de que a educação não é um direito social e subjetivo, e sim uma mercadoria que pode ser comprada. Ideia imposta, principalmente pelas classes dominantes e a imprensa. O mercado não quer um sistema nacional público, universal, laico, gratuito e unitário, porque esse sistema lidaria com a igualdade de direitos e o mercado lida com a lei do mais forte (FRIGOTTO, 2010, p. 178).

No contexto da identidade docente, disputas são travadas no campo midiático com vistas a definir o papel tanto dos professores quanto do próprio sistema educacional. Este cenário envolve os valores remetidos à docência, a função transformadora da realidade, os investimentos aplicados pelo país, o entendimento da educação enquanto direito essencial, etc. Além disso, engloba questões de remuneração, condições de vida e trabalho dos professores. A grande mídia, ao envolver esses aspectos dentro do seu poder de construção da notícia, potencializa determinadas representações dos professores e oculta outras.

A partir de uma pesquisa realizada sobre a imagem dos professores na grande imprensa paulista, Vicentini e Lugli (2009) concluem que o quadro apresentado para o magistério é de despreparo e desprestígio, ou seja, a ênfase negativa do noticiário se sobressai em relação às matérias positivas. A imprensa evoca quase que prioritariamente a baixa remuneração e as péssimas condições de trabalho, como os casos de agressão por

parte de alunos, falta de autoridade, falhas na formação, doenças recorrentes da atividade docente, além da consequente falta de interesse das novas gerações pela profissão.

Há uma construção do mal-estar docente, conforme a referência feita pelas autoras, remetido à dificuldade de conferir um sentido social positivo ao trabalho dos professores através da grande imprensa. O noticiário de massa favorece uma vinculação negativa entre sistema e profissional: há uma certa culpa do professor pelas mazelas do ensino brasileiro. Na pesquisa de Vicentini e Lugli (2009), há uma distinção entre os textos que remetem à identidade do professor enquanto um profissional prestador de um serviço nobre – a educação – e enquanto agente de lutas sociais, participante de um movimento organizado – o operário.

As autoras analisam a associação da greve com o desserviço na grande imprensa, identificando a educação com um lugar desapropriado ao manifesto. Na atualidade, em que as notícias reforçam o argumento da falta de legitimação da atividade docente, os enquadramentos jornalísticos colocam em evidência, assim, as principais contradições que o exercício do magistério vivencia atualmente: transformação social ou atendimento ao sistema de formação, aplicado por políticas e legislações.

4. REPRESENTAÇÕES DA DOCÊNCIA NO NOTICIÁRIO DO JORNAL *TRIBUNA DE MINAS*

As reflexões apresentadas motivaram um trabalho de análise das representações docentes possibilitadas pelos enquadramentos jornalísticos presentes no noticiário do jornal impresso *Tribuna de Minas*, da cidade de Juiz de Fora-MG. O recorte empírico foi o mês de abril de 2013 (uma amostragem da pesquisa que é realizada na dissertação pelos autores deste artigo). A escolha pelo veículo se deve pela credibilidade e maior recorrência nas coberturas dos fatos educacionais, mobilizando o debate público sobre essa temática e também pautando outras mídias na cidade. O jornal foi escolhido também em virtude da sua tradição em Juiz de Fora, uma vez que é o mais antigo entre os impressos e responde pelo maior número de vendas em banca.

O objetivo geral deste tópico é analisar como o conteúdo do noticiário é apresentado, com o foco em quais aspectos do acontecimento foram selecionados e quais, possivelmente, silenciados. Entre os dias 2 e 30 de abril de 2013 (não há edição do jornal na segunda-feira, por isso nossa pesquisa começa no dia 2), o jornal *Tribuna de Minas* trouxe

35 matérias que mencionaram, direta ou indiretamente, os professores. Houve, portanto, uma expressiva cobertura das questões relacionadas à docência, principalmente as da educação básica. Encontramos praticamente matérias diárias envolvendo a área da educação, sendo algumas edições com mais de uma notícia. Utilizaremos para compor esta análise alguns tópicos de seleção dos acontecimentos expostos por Alsina (2009, p.154-155), que apontam elementos determinantes para classificação do material.

Analisamos, primeiramente, a temática geral na qual a notícia foi inserida. Dessa maneira, busca-se identificar em qual editoria o acontecimento foi colocado dentro do jornal e o que definiu o sentido que a apuração seguiu. De acordo com o material selecionado, 15 das 35 matérias sobre os professores pertencem à editoria de Política; 14 estão na editoria Geral; dois artigos na página de Opinião e uma charge; duas matérias no Caderno Dois e uma notícia na editoria Brasil. Esses dados demonstram os olhares a partir dos quais o veículo observa a educação e os professores.

Se há um número elevado de enquadramentos dos fatos educacionais na esfera política, podemos constatar que o veículo interpreta os acontecimentos e trabalha a informação a partir de uma concepção do professor enquanto ator social da militância, prática reivindicativa e participação política – houve grande foco nas constantes negociações com os patrões (no recorte temporal desta pesquisa, ficou mais evidente a Prefeitura de Juiz de Fora enquanto empregadora). Essa identidade remete ao histórico movimento docente que, no Brasil do século XIX, já era uma prática política importante (VICENTINI E LUGLI, 2009, p. 117). O mês foi relevante para as práticas reivindicatórias dos professores e estas foram determinadas acontecimentos jornalísticos pelo jornal.

Com isso, a imprensa não só resgata essa questão histórica como reforça a imagem de associativismo e organização sindical na área da educação, o que ficou marcante nas imagens sociais da docência presente nos noticiários. O próprio processo de profissionalização dos professores tem a correlação histórica com o movimento de organização da categoria (Idem, p. 159). Dessa forma, a grande maioria das notícias da editoria de Política correspondeu às práticas sindicais dos professores, incluindo as paralisações e suas atividades de envolvimento com a comunidade juiz-forana, assembleias de indicativo de greve e a deflagração da paralisação por tempo indeterminado (no caso, os professores municipais).

É marcante ainda o acompanhamento das pautas reivindicatórias nos noticiários, que apresentam as respostas e contrapropostas da Prefeitura e as interpretações dos dirigentes

sindicais sobre estas. Nesse sentido, a greve dos professores municipais e todas as suas nuances se transformou numa narrativa complexa dentro das edições e os acontecimentos foram permanentemente acompanhados como repercussões lineares.

A presença também marcante das notícias referentes aos professores na editoria Geral vincula a docência aos processos de construção e transformação da cidade, a partir da instituição escolar. As notícias trazem problemáticas urbanas e suas relações com as instituições de ensino, sobretudo as públicas. No entanto, são mais disseminadas as insatisfações dos professores dentro do quadro das questões públicas e urbanas presentes nos noticiários. As edições do mês trazem uma imagem negativa do contexto dos professores das escolas públicas: instituições fechadas devido à existência de focos de dengue, risco de encosta cair sobre salas de aula e os constantes casos de violência (roubos, tráfico no entorno, uso de drogas e ameaças a professores). Estes fatos selecionados vão construindo um cenário de precariedade.

O noticiário do mês de abril demonstra, assim, a concepção que o veículo dá ao tema educacional: um serviço a ser prestado para a população e um direito essencial. Quando o sistema educacional para ou sofre dificuldades estruturais, os enquadramentos potencializam estes fatos como problemas do cotidiano. Há, portanto, dois aspectos de determinação do acontecimento expostos por Alsina (2009, p. 154-155). No primeiro caso, distinção entre normalidade e anormalidade, acordo e discrepância (aqueles acontecimentos onde entram em jogo valores sociais são colocados para assinalar os valores não aceitos socialmente, e também para recopilar a polêmica existente sobre a sua aceitação). No segundo caso, atenção à violência, agressividade e dor (os meios de comunicação transmitem certa violência e se nos sentíssemos envolvidos por toda violência que acontece no nosso mundo, não poderíamos deixar de nos sentir constantemente ameaçados).

Há ainda os problemas da falta de condições de trabalho apresentados pelas notícias: ausência de professores nas escolas, adoecimento e grande número de licenças e desistências. As edições de abril trouxeram notícias com este foco, sobretudo pela estatística divulgada pela Prefeitura (em um ano foram dez mil licenças). Esse quadro de dificuldades apresentado nos noticiários, ao mesmo tempo que faz um alarde, constrói um cenário de vitimização, uma vez que intensifica o controle do trabalho docente no contexto da cidade evocando referências negativas. Há uma fragilização dos professores no sentido profissional, ao responderem pelo espaço da diferença, do que não é adequado ou normal, do que está fracassado do ponto de vista social. Quando Alsina (2009, p. 155) diz sobre a

atenção dos meios de comunicação para as crises, ele destaca que uma das principais características do jornal é a de ser narrador, comentarista e participante dos conflitos.

Portanto, fica evidente a imagem negativa atribuída à docência educação pública, o que fica claro também nos silenciamentos dos pontos positivos. O noticiário silencia sobre a existência das experiências positivas. As edições do mês de abril da *Tribuna de Minas* reforçam o argumento de Vicentini e Lugli:

> Ao se fazer tal operação [desqualificam as suas práticas e as opiniões sobre a sua própria profissão], privilegiam-se determinados aspectos em detrimento de outros e, desse modo, evidenciam-se os valores com base nos quais imagens se formaram. É também em função desses valores que elas acabam por reforçar posições, visões e di-visões do mundo social, procurando imprimir um significado específico em relação ao que é descrito (VICENTINI E LUGLI, 2009, p. 156-157).

Desse modo, foram poucos os espaços para a representação da docência nos quesitos metodologia de trabalho (aulas interessantes, uso de tecnologias, novas abordagens) e outras pautas políticas, como o financiamento da educação, que envolvem uma discussão mais aprofundada sobre os processos de trabalho e seus aspectos sociais. São mais presentes os enquadramentos de aspecto econômico, descontextualizados das discussões mais amplas, como, por exemplo, para onde as políticas públicas conduzem a educação brasileira e quais as implicações no dia a dia das escolas.

Um exemplo claro é a notícia “Crianças terão que ir para escola aos 4 anos” (tabela anexa), que aborda a nova legislação sem oferecer espaço de fala para professores, pesquisadores e dirigentes no tocante às consequências estruturais para atender as novas regras. Os textos opinativos do jornal (apenas dois artigos analisados) é que conseguem aprofundar mais o debate sobre os professores e oferecer enquadramentos diferenciados.

A tendência majoritária da cobertura da *Tribuna de Minas* foi seguir o gênero informativo nas notícias sobre educação, com oferta de baixo nível de complexidade de subtemáticas nos textos. A exceção é a matéria “Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula”, que traz, junto com a informação principal, a estatística da violência nas escolas, um resgate de outros problemas enfrentados pelos professores e as providências anunciadas pelos serviços de segurança.

Novamente recorremos aos elementos descritos por Alsina (2009, p. 155) para tratar do tema: a observação do que é extraordinário, do singular e do exótico. Os meios de comunicação prestam mais atenção ao que é chocante na cultura. A charge da edição do dia

19 de abril retoma a discussão, com a figura de um aluno indo para a escola com um cigarro de maconha na mão e uma arma colocada na bermuda.

As fontes oficiais governamentais estão sempre presentes nas matérias sobre greves, condições de trabalho e estrutura física (ou falta desta) das escolas. No entanto, os pesquisadores, enquanto fontes especializadas em educação, participam mais dos artigos e não estão nos enquadramentos das notícias. Desse modo, podemos considerar que não são tratados como fontes oficiais dentro das matérias das editorias que mais tiveram notícias sobre os professores – Política e Geral.

Já os sindicatos estiveram presentes enquanto fontes das notícias, até mesmo em entrevistas que avaliaram as problemáticas da educação em Juiz de Fora. A representação da coletividade - a liderança sobre a categoria profissional - foi enfatizada em relação à personificação. "O exercício do poder, político, econômico, judicial, etc. é objeto de especial atenção por parte da mídia" (ALSINA, 2009, p. 154).

A tendência dos enquadramentos revela-se também nas expressões, discursos, imagens e infográficos utilizados nas notícias para fazer referência aos professores. Alguns exemplos encontrados: "A categoria trava uma queda de braço com o Executivo" (Cem dias com o pires na mão); "Uma das docentes infectadas, que preferiu não se identificar, contou que dava aulas em uma sala infestada por pernilongos" (Escola continua sem aulas); "A função do professor é muito desgastante, afirmou o vereador (PJF registra 10 mil licenças na educação); "Os professores da rede municipal ameaçam cruzar os braços" (Professor pressiona por um terço).

Rumos similares se encontram em: "Como o professor vai denunciar? Ele teme contra a própria vida" (Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula); "Professores também estariam cogitando mudanças de local de trabalho, pois o simples fato de estacionar o carro na rua já estaria sendo arriscado" (Tráfico no entorno de escola); "Durante a audiência, alunos e professores rebateram algumas declarações de Belkis [superintendente regional de ensino] e destacaram a precariedade física das salas de aula, além da falta de docentes em algumas disciplinas" (Audiência debate situação de escolas); "Em Juiz de Fora, a greve poderá afetar cerca de 80 mil alunos" (Professores param até quinta).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar um conjunto de teorias sobre enquadramentos jornalísticos e representação da docência, pretendemos lançar considerações sobre a parcialidade da imprensa e os desafios do processo de construção das notícias. Representar a identidade dos professores em seu cotidiano, dando visibilidade a cada aspecto dos fatos a eles referentes, torna-se uma tarefa complexa dentro das possibilidades da imprensa. Seria então crível uma interlocução justa, que traga as nuances das relações sociais no âmbito da educação?

O noticiário da *Tribuna de Minas* demonstra uma cobertura de referência da educação se comparada à imprensa da região. Aborda diversos fatos relativos aos professores, acompanha as problemáticas e, por muitas vezes, divulga as versões das entidades representativas dos professores (muitas vezes silenciadas dos discursos dos veículos). É preciso, porém, discutir as nuances da representação (no caso, de uma categoria) dentro dos mecanismos de transformação dos acontecimentos em notícias.

Em relação aos professores, a cobertura é extensa e considerável, mas, assim como qualquer veículo de imprensa, a notícia do jornal direciona interpretações e valores, como foi demonstrado nas teorias. Como um componente das relações sociais e discursivo sobre o cotidiano, o jornalismo fecha conceitos sobre identidades e deixa evidentes as diferenciações e as classificações do que não é a normalidade. A cobertura da *Tribuna de Minas* opera nesse rumo: prevalência de enquadramentos de viés econômico, e com baixa consideração de outras questões que poderiam ser mobilizadas para tratar da complexidade do tema educacional.

Este é num debate sobre o papel da imprensa que deve estar presente nos estudos acadêmicos e nas práticas profissionais: o apontamento de que é preciso procurar caminhos para evitar os estereótipos e os silenciamentos de questões importantes. A contribuição da mídia está na constituição de um verdadeiro espaço público contemporâneo, que consiga oferecer compreensões mais amplas sobre a educação e mais multifacetadas sobre os professores, ampliando os círculos de identificação com a docência. Tais práticas seriam mais condizentes com a efetiva busca de transformação social desejada tanto por professores quanto por jornalistas conscientes de seus papeis.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREITAS, Antonio Francisco Ribeiro de. **Imprensa portuguesa constrói imagem negativa da profissão docente. Disponível em:** <http://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/251>. Acesso em 10 jun. 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os desafios da educação no Brasil. Entrevistador: Saulo Esllen Martins. In: **Extra-Classe – Revista de Trabalho e Educação**, n.3, v.2, jul.-dez./2010. Belo Horizonte: Sinpro MG, 2010, p.177-181. ISSN 1982-7261.

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. In: AMARAL, Márcia F. (org). Olhares sobre o jornalismo: a contribuição de Adelmo Genro Filho. Santa Maria: Facos, 2007. pp. 79-102.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

SANGLARD, Fernanda Nalon. **A representação da política no Jornal Nacional e a construção das identidades políticas dos jovens juiz-foranos**. 146p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

VICENTINI, Paula Perin, LUGLI Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil**. Representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

7. ANEXO

Tabela dos enquadramentos jornalísticos na cobertura sobre os professores no jornal Tribuna de Minas

Data	Título	Informações sobre a notícia*	Classificação do enquadramento
3/04/13	Sem solução para HU, residente ameaça greve (obs: entrevista com dirigente do Andes sobre o tema)	Política, pág.5 Capa e 2 fotos	Sindicalismo / mobilização
4/04/13	Alunos transferidos do Grupo Central	Geral, pág.3	Condições de trabalho
4/04/13	MEC pode cortar verba para JF	Política, pág. 5	Financiamento da Educação
5/04/13	Grupo invade escola e agride estudante	Geral, pág. 3	Violência
6/04/13	Escolas ainda sem professores	Geral, pág 4	Condições de trabalho
6/04/13	Cidade será base para distribuição de fumacê - **Aulas suspensas por causa da doença**	Geral, p. 5	Condições de trabalho
6/04/13	Crianças terão que ir para escola aos 4 anos	Brasil, p. 8	Metodologias de trabalho
7/04/13	Cem dias com o pires na mão (obs: reivindicações dos professores)	Política, pág. 3	Sindicalismo / mobilização
9/04/13	Um desejo do educador para 2013 (artigo	Opinião, p. 2	Condições de trabalho

	assinado)		
9/04/13	Suspeita de morte por dengue em JF – **Escola continua sem aulas**	Geral, p. 5	Condições de trabalho
10/04/13	Consu vota por adesão do hospital à EBSERH	Política, pág. 5	Sindicalismo / mobilização
10/04/13	PJF soma 10 mil licenças na educação	Política, pág. 5	Condições de trabalho; sindicalismo /
11/04/13	Professor pressiona por um terço	Política, pág. 7	Sindicalismo / mobilização
12/04/13	A educação e seus desafios (artigo assinado)	Opinião, pág. 2	Condições de trabalho
12/04/13	Encosta ameaça escola no São Pedro	Geral, pág. 4	Condições de trabalho
12/04/13	19 mil servidores podem ir à Justiça	Política, pág. 9	Sindicalismo
13/04/13	R$ 300 mil são liberados para JF – **No Ipiranga** (obs: escola continua sem aula por causa da dengue)	Geral, pág. 4	Condições de trabalho
14/04/13	Escola debate violência	Geral, pág. 4	Metodologia de trabalho
16/04/13	Aluno acende cigarro de maconha em sala de aula	Geral, pág.3 Capa e infográfico	Violência
16/04/13	PJF contrata mais docentes temporários	Geral, pág.3	Condições de trabalho
16/04/13	Para encantar os pequenos	Dois, pág. 3 Foto	Metodologia de trabalho
17/04/13	Tráfico no entorno de escola	Geral, pág.5 Capa e foto	Violência
18/04/13	Audiência debate situação de escolas	Geral, pág.4	Condições de trabalho
18/04/13	Quando aprender a ler	Dois, pág. 4	Metodologias de trabalho
19/04/13	CHARGE DO MÁRIO	Opinião, pág. 2	Violência
19/04/13	Professores farão paralisação de três dias na próxima semana	Política, pág. 9	Sindicalismo / mobilização
20/04/13	Professor do estado fará ato na segunda	Política, pág. 5	Sindicalismo / mobilização
23/04/13	Professores param até quinta	Política, pág. 5 Capa	Sindicalismo / mobilização
24/04/13	Adolescente ameaça e xinga diretora	Geral, pág. 4	Violência
24/04/13	Paralisação atinge cerca de 90%	Política, pág. 8	Sindicalismo / mobilização
26/04/13	Governo Bruno enfrenta 1ª greve em sua gestão	Política, pág. 3 Capa e 2 fotos	Sindicalismo / mobilização
27/04/13	Escola invadida 3 vezes na semana	Geral, pág. 3 Capa e foto	Violência
27/04/13	90% de adesão no primeiro dia	Política, pág. 7	Sindicalismo / mobilização
28/04/13	Prefeito, cumpra lei!**	(informe publicitário)	
30/04/13	Dilma insistirá na destinação de royalties para educação	Política, pág. 5	Financiamento da educação
30/04/13	Greve completa 5 dias hoje	Política, pág. 5	Sindicalismo / política

* Editoria, página, se há chamada de capa e imagens.
** Não foi considerado enquanto produto jornalístico, portanto não foi contabilizado.